v7.n9.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

MOSAICO URBANO: AS MÚLTIPLAS VISÕES DOS PESQUISADORES SOBRE AS PEQUENAS CIDADES

URBAN MOSAIC: RESEARCHERS' MULTIPLE PERSPECTIVES ON SMALL CITIES

MOSAICO URBANO: LAS MÚLTIPLES PERSPECTIVAS DE LOS INVESTIGADORES SOBRE LAS CIUDADES PEQUEÑAS

Marcos Clair Bovo[1], Claudia Chies[2]

e798881
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i9.8881

PUBLICADO: 09/2026

RESUMO

As pequenas cidades são realidades urbanas presentes em todo o território brasileiro, distinguindo-se entre si por características particulares. Elas apresentam cenários urbanos diversos que englobam desde a perda populacional até a modernização econômica e urbana. O artigo objetiva analisar o conceito de pequenas cidades com base em um diálogo teórico e interdisciplinar, com o intuito de revelar as múltiplas dinâmicas e distinções dessas realidades urbanas. A metodologia empregada na realização do estudo foi a revisão de literatura a partir do levantamento de ideias, perspectivas e conceitos de autores, presentes em artigos científicos de periódicos, livros, teses e dissertações. Conclui-se que, apesar de haver uma ampla discussão entre os autores, eles não apresentam um consenso sobre o conceito de pequenas cidades, pois o uso de parâmetros demográficos não demonstra as verdadeiras realidades presentes nesses espaços urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Pequenas cidades. Conceitos. Teoria. Pesquisadores.

ABSTRACT

Small cities are urban realities found throughout Brazil, differing from one another in terms of particular characteristics. They feature diverse urban settings, which include aspects ranging from population decline to the processes of economic and urban modernization. This paper aims to analyze the concept of small cities, drawing on theoretical perspectives and interdisciplinary dialogue, in order to reveal the multiple dynamics and distinctive features regarding these urban realities. The methodological approach consists of a literature review that maps authors' ideas, perspectives, and concepts presented in journal articles, books, theses and dissertations. The results suggest that although the literature provides an extensive discussion among authors, they do not share a consensus on the concept of small cities, because the use of demographic parameters does not indicate the actual reality of these urban spaces.

KEYWORDS: *Small Cities. Concepts. Theory. Researchers.*

RESUMEN

Las ciudades pequeñas son realidades urbanas presentes en todo Brasil, que se distinguen entre sí por características particulares. Presentan diversos escenarios urbanos, que van desde la pérdida de población hasta la modernización económica y urbana. Este artículo pretende analizar

[1] Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Coordenador do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão.
[2] Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

el concepto de ciudades pequeñas a partir de un diálogo teórico e interdisciplinario, con el fin de revelar las múltiples dinámicas y distinciones de estas realidades urbanas. La metodología empleada para llevar a cabo el estudio fue una revisión bibliográfica basada en la recopilación de ideas, perspectivas y conceptos de autores presentes en artículos científicos de revistas, libros, tesis y disertaciones. Se puede concluir que, a pesar de las amplias discusiones entre los autores, no llegan a un consenso sobre el concepto de ciudades pequeñas, ya que el uso de parámetros demográficos no refleja las verdaderas realidades presentes en estos espacios urbanos.

***PALABRAS CLAVE**: Ciudades pequeñas. Conceptos. Teoría. Investigadores.*

INTRODUÇÃO

A presença significativa de pequenas aglomerações urbanas no território brasileiro demonstra que uma porção considerável da população reside nesses espaços urbanos, onde o limiar da vida e o cotidiano urbano se misturam. Essas cidades são vistas ora como centros pacíficos, sossegados ou atrasados, ora como possibilidades de desenvolvimento econômico e de mudança da estrutura urbana, cujo foco está no desenvolvimento de cidades menores e mais estruturadas.

Dessa forma, constata-se que nas pequenas cidades, considerando aquelas com populações inferiores a 20.000 habitantes, conforme as Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2008), há uma grande variedade de cenários e possibilidades no universo das realidades urbanas. Essas aglomerações são únicas, por suas particularidades e singularidades, mas também não se distinguem de outros centros médios e grandes, ao compartilharem problemas como poluição, insegurança e violência urbana, marcas tristes da realidade urbana brasileira.

O presente artigo tem como objetivo analisar o conceito de pequenas cidades com base em um diálogo teórico e interdisciplinar, com o intuito de revelar as múltiplas dinâmicas e distinções das realidades urbanas.

Assim sendo, emerge o seguinte questionamento: como as diferentes correntes teóricas da geografia urbana e regional conceituam e analisam o papel das pequenas cidades na contemporaneidade, considerando a diversidade de suas funções socioespaciais frente às metrópoles e redes de poder?

Além disso, o artigo apresenta reflexões teóricas referentes às pequenas cidades, cuja análise evidencia que não possuem uma conceituação definida, permitindo, assim, uma diversidade de escopos teóricos que entravam os estudos e pesquisas sobre essas cidades devido à ampla multiplicidade de compreensões em relação a essa terminologia. Diante disso, buscou-se produzir um diálogo entre os seguintes autores (Sposito; Silva, 2013); (Endlich, 2006;

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

2009; 2017); (Fresca, 2001; 2013); (Maia, 2005); (Corrêa, 1999; 2011); (Moura, 2009); (Damiani, 2006); (Rolnik, 2004); (Figueiredo, 2008); (Bacelar, 2008); (Soares; Melo, 2008) e (Santos, 1982; 1993). Ressalta-se que os autores apresentam formação e pesquisas em áreas distintas, pontuando as noções mais expressivas referentes a esse campo teórico.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. O conceito de pequena cidade a partir de uma ótica interdisciplinar

A necessidade de compreender as pequenas cidades consagrou-se como um assunto que esteve em pauta por diferentes autores brasileiros e de outras nações que trabalham com temas geográficos (Sposito; Silva, 2013). Logo, esses autores pontuam que se trata de "[...] um tema e uma noção que se encontram em construção/transformação, visto que a realidade é dinâmica e complexa [...]" (Sposito; Silva, 2013, p. 205).

Já, Endlich (2017) destaca que os estudos de pequenas cidades permitem repensar o limiar da urbe, reconsiderando o próprio conceito de cidade. A autora destaca ainda a dificuldade de discutir essa temática devido aos escassos estudos referentes ao tema. Endlich (2017) discute que: "[...] poucos elegem as pequenas cidades como objeto de pesquisa. As iniciativas existentes permaneceram isoladas, o que dificulta um avanço teórico em relação à compreensão destes espaços" (Endlich, 2017, p. 31).

Para Fresca (2013), a presença numérica de aglomerações urbanas pequenas, denominadas pequenas cidades, não é uma realidade exclusiva do estado do Paraná, mas uma característica que se repete nas outras unidades federativas. Nesse sentido, torna-se necessário compreender a realidade socioespacial e socioeconômica apresentada por essas aglomerações para propor uma conceituação sobre esse recorte espacial.

Conforme Endlich (2009), o conceito de pequenas cidades é de difícil definição, pois tais localidades conferem características que possibilitam discutir não apenas o conceito de pequenas cidades, mas o próprio conceito de cidade. Isso ocorre porque se busca averiguar nelas os elementos qualitativos que formam o limiar entre a cidade e a "não cidade". A "não cidade" é compreendida por Lopes e Lenzi (2023), como:

> [...] às extensas monoculturas, às infinitas paisagens de pastagens, aos desertos de soja e milho, em boa medida responsáveis pelos perversos mecanismos de acumulação e concentração de renda hoje vigentes, aqui e em boa parte do planeta. Há, porém, uma grande parcela desse mundo da não-cidade habitado por camponeses, quilombolas, indígenas, povos ribeirinhos, faxinalenses etc. etc., que compõem uma imensa diversidade de existências que, com suas práticas produtivas e estratégias de vida podem nos ensinar o quão contraditórias, plurais e

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> dialeticamente ricas podem ser as formas de produzir o espaço e o lugar da moradia (Lopes; Lenzi, 2023, p.12).

Desse modo, as pequenas cidades constituem-se em espaços importantes para atender às necessidades essenciais da população. Complementando a compreensão sobre o conceito de pequenas cidades, Corrêa (2011, p. 6) afirma que está impregnado de encaminhamentos controversos e distintos. Para ele a pequena cidade "pode ser melhor definida em termos do grau de centralidade do que em termos de tamanho demográfico", por ser um aglomerado local que desempenha centralidade em relação ao seu território municipal, ou seja, sua hinterlândia que, em geral, possui uma população dispersa, que desenvolve atividades agrárias (Corrêa, 2011).

Já, Maia (2005) recorre ao aspecto demográfico para definir as cidades em pequena, média ou grande:

> Cidade pequena que se contraporia à cidade grande. E que por sua vez requer uma medição, uma aferição do tamanho da cidade, mesmo que se quisesse referir à importância da cidade se estaria referindo também a uma grandeza. O tamanho da cidade normalmente é medido através do contingente populacional, ou ainda do número de habitantes. Comumente classificam-se as cidades em pequenas, médias e grandes a partir dos seus contingentes populacionais e para a classe de cidades pequenas inserem-se aquelas que possuem até 20.000 habitantes. Acima deste montante seria classificada como cidade média e aquelas com mais de 500.000 habitantes seriam consideradas cidades grandes. Este critério tem sido adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela maioria dos estudos que versam sobre o assunto (Maia, 2005, p. 7).

Enquanto Maia (2005), com base no IBGE, compreende a cidade pequena como agrupamento populacional até 20.000 habitantes, deve-se considerar que esta definição esconde a dinamicidade de cada realidade urbana, sendo que algumas cidades pequenas estão totalmente ligadas ao setor primário agroexportador, enquanto outras já se apresentam como pequenas ou moderadas no processo de desenvolvimento urbano-industrial.

Nesse sentido, Sposito e Silva (2013) afirmam que as cidades pequenas têm uma totalidade particular que a entusiasma e a movimenta por meio de processos capitalistas de produção, cuja representação denota um mundo e uma formação socioespacial resultante contraditoriamente pela sociedade durante o tempo.

Já Moura (2009) compreende as pequenas cidades como "nós" importantes na dinâmica da teia urbana que:

> Pode-se dizer que mesmo pequenos núcleos organizam-se para a vivência coletiva e, ao seu modo, para a política e para a cidadania. Respeitadas as escalas, a densidade material ou a capacidade inovativa, todos assumem um papel na divisão social do trabalho e têm

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> uma participação na teia da rede urbana. E são estruturadores da dinâmica do território municipal como um todo e de suas relações com a região e o Estado (Moura, 2009, p. 17).

As pequenas cidades, conforme a autora, mesmo sendo aglomerações voltadas para o atendimento das necessidades básicas, possuem um papel relevante na divisão social do trabalho e se integram a uma rede urbana, mantendo relações de trocas entre essas cidades e com o Estado, definindo-se não somente como *lócus* da política local. Dessa forma, Sposito e Silva (2013) destacam que por se inserirem numa lógica capitalista, as pequenas cidades não estão isentas das contradições advindas dessa lógica produtiva.

Assim sendo, Sposito e Silva (2013) compreendem que a pequena cidade "em si não é um dado *a priori*, não deve ser analisada isoladamente; e sim no plano de suas relações com outros centros" (p. 17). Já Damiani (2006) pontua que**,** nos países subdesenvolvidos, as pequenas cidades caracterizam-se por serem verdadeiras fronteiras entre processos urbanos e rurais que arregimentam poucos processos cumulativos da modernidade.

Complementando as análises, Fresca (2001) propõe que a definição de uma cidade por número habitacional pode gerar uma interpretação equivocada, por causa da generalização de núcleos urbanos, que mesmo comportando como um contingente populacional quantitativamente similar, distinguem-se em sua origem dinâmica, econômica e social.

Os autores estudados destacam que as realidades urbanas das pequenas cidades não podem ser compreendidas pelos aspectos populacionais e isoladamente, pois comportam dinâmicas distintas que são somente visualizadas dentro das suas relações com outros centros que constituem sua rede urbana. Além de que Damiani (2006) reforça discussões anteriores de Endlich (2009) ao questionar os argumentos que evidenciam a linearidade entre o urbano e o não urbano nas pequenas cidades.

Assim sendo, Corrêa (1999) afirma que as pequenas cidades são numerosas e produzem uma expressiva densidade de centros que se localizam a uma pequena distância média entre si, mesmo que variem conforme a densidade demográfica da região em que estão localizadas. O autor destaca também que os expressivos números de pequenas cidades se devem aos seguintes fatores:

> A elevada ocorrência de pequenos centros deriva, de um lado, de uma necessária economia de mercado, por mais incipiente que seja geradora de trocas fundamentadas em uma mínima divisão territorial do trabalho. [...] deriva de elevadas densidades demográficas associadas a uma estrutura agrária calcada no pequeno estabelecimento rural ou em *plantations* caracterizadas pelo trabalho intensivo. [...] Deriva, adicionalmente, da pequena mobilidade espacial da população, associada aos transportes pré-mecânicos e mesmo ferroviário, sendo inexistentes ou pouco usuais o caminhão e o automóvel. A pequena

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> mobilidade implica a ampliação [...] do número de pequenos centros de mercado (Corrêa, 1999, p. 45).

Para Corrêa (1999) existe a refuncionalização das pequenas cidades e este processo ocorre por meio de duas possibilidades:

> A primeira diz respeito à perda, relativa ou absoluta, de centralidade, acompanhada em muitos casos pelo desenvolvimento de novas funções não-centrais e ligadas diretamente à produção no campo.
> [...] A segunda possibilidade diz respeito à transformação do pequeno núcleo a partir de novas atividades, induzidas de fora ou criadas internamente, que conferem uma *especialização produtiva* ao núcleo preexistente, inserindo-o diferentemente na rede urbana, introduzindo nela uma mais complexa divisão territorial do trabalho (Corrêa, 1999, p. 49-50).

Conforme o autor, a produção de cidades pequenas se atrela inicialmente às questões do setor agrário, que necessitava de pequenos centros urbanos com os serviços e funções básicas que visavam atender às demandas da população rural. Contudo, com a modernização econômica, industrialização e globalização, especialmente os atrelados a eixos econômicos dinâmicos, passaram por refuncionalização e especialização, que os inseriram numa rede urbana, gerando uma complexa divisão territorial do trabalho.

De acordo com Corrêa (1999), esses fatores permitiram uma singularidade funcional devido às especializações produtivas, consolidando uma centralidade, cuja capacidade poderia ser ampliada pela inserção da economia nacional em um âmbito de economia global.

Costa, Melo e Pimenta (2017, p. 240) esclarecem que o turismo, por exemplo, pode dinamizar a economia local, gerar emprego e renda em pequenas cidades, além de “ajudar na preservação ambiental, promover o resgate histórico e cultural, manter a identidade, melhoria da qualidade de vida da população, entre outros”.

Por conseguinte, compreende-se que o conceito de cidades pequenas é amplo e complexo, o qual não se finaliza em si mesmo, mas permite uma gama de abordagens para o entendimento de uma realidade tão pertinente para o cenário urbano paranaense e brasileiro.

Tal complexidade deve-se ao fato de as pequenas cidades comportarem-se e territorializarem-se a partir das relações entre homem/natureza na reprodução da vida e na produção do espaço, condizendo com uma escala particular da urbanização e do movimento da sociedade (Sposito; Silva, 2013). Além de ser uma noção cujo uso é fluido e que não se atrela apenas ao domínio científico, mas é empregada pelo Estado e no senso comum (Sposito; Silva, 2013).

No entanto, os autores destacam a necessidade de se ter um olhar cuidadoso sobre as pequenas cidades para que não se realizem comparações errôneas entre realidades que são

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

totalmente distintas. Para Sposito e Silva (2013, p. 25), as “[...] cidades pequenas são muito distintas entre si e que apresentam particularidades e singularidades que devem ser estudadas com prudência porque não se pode fazer generalizações e simplificações, propondo-se uma regra universal e categórica para a definição desses centros”.

Compreende-se então que nos estudos sobre pequenas cidades é necessário ser prudente e atencioso com esse objeto ou fenômeno, pois pode se incorrer em erros nas análises ao considerar essas cidades numa única categoria e esquecer de que elas apresentam particularidades.

Sob este prisma, Bacelar (2008), complementa que o diagnóstico das questões referentes às pequenas cidades demonstra uma realidade conflituosa e provocadora. O autor salienta ainda a necessidade de propor alternativas dentro das possibilidades e limites da análise geográfica.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada na construção desse artigo foi a revisão de literatura por meio do diálogo, a confrontação e a reflexão quanto às perspectivas dos diferentes autores, a partir da abordagem interdisciplinar. Inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico utilizando as palavras-chave “pequenas cidades” em artigos científicos, livros, teses e dissertações disponibilizados no banco de teses da Capes (<http://bancodeteses.capes.gov.br/>), no Portal Domínio Público (<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.do>) e na biblioteca Digital Brasileira de Teses e de Dissertações – BDTD (<http://bdtd.ibict.br/>).

Foram encontrados 65 artigos, dos quais 15 foram selecionados por apresentarem reflexões teóricas e conceituais consistentes. A partir desse *corpus* textual, mapearam-se as principais perspectivas conceituais de cada autor. Na sequência, esses estudos subsidiaram o debate teórico, cujas análises evidenciaram as similaridades, dissonâncias e elementos fundamentais para a conceituação e interpretação do que constitui uma cidade pequena.

Desse modo, evidenciou-se que o conceito de pequenas cidades é complexo e de amplo escopo, cujo uso deve estar ligado a cada necessidade de interpretação de sua realidade urbana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos referenciais teóricos estudados e analisados evidenciou-se que a temática “pequenas cidades” apresenta relevância e complexidade. É nessa direção que Endlich (2013)

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

confirma a presença dessa realidade contraditória ao desmistificar o discurso de que as pequenas cidades são apenas ilhas de tranquilidade e aprazibilidade, pois seus estudos evidenciam as contradições próprias do modo de produção capitalista.

E com relação a uma alternativa para compreensão de suas características, Soares e Melo (2008) propõem a compreensão a partir das relações campo-cidade, por meio da escala político-administrativa e na dependência em relação às outras esferas administrativas.

Os referidos autores destacam que a visão das cidades pequenas, como centros pacatos e sossegados, esconde uma realidade contraditória, marcada pela presença de problemas próprios da realidade urbana capitalista, como a violência e a segregação urbana.

Dessa forma, Soares e Melo (2008) defendem que a compreensão de pequenas cidades deve considerar as relações de troca entre campo e cidade, já que as pequenas cidades, em sua maioria, dependem economicamente do setor agrícola para sustento das atividades urbanas, como comércio e serviços. Por sua vez, o meio rural precisa das atividades e serviços oferecidos nesses centros urbanos.

Além de que a diferenciação da realidade urbana nessas cidades é marcada pela heterogeneidade de suas dinâmicas. Alguns centros apresentam inexpressiva dinâmica econômica, demográfica e política, enquanto outros se destacam como importantes polos econômicos e demográficos, com papel significativo na rede urbana. Isso demonstra que esses centros estão em transformação, em transição e são orientados por um processo de desenvolvimento desigual do espaço (Sposito; Silva, 2013). Smith (1988) colabora com Sposito e Silva (2013) ao afirmar que a diferenciação do espaço geográfico adquire diversas formas, pois “[...] à medida que o desenvolvimento desigual se torna crescente necessidade para evitar as crises, a diferenciação geográfica se torna cada vez menos um subproduto e mais uma necessidade central para o capital” (Smith, 1988, p. 217).

Desse modo, a dinamicidade das pequenas cidades não pode escapar do processo de desenvolvimento desigual, evidenciado por Smith (1988), pelo fato de suas diferenciações serem “[...] resultados [...] de [...] um desenvolvimento desigual do capitalismo que por si só varia entre a desigualdade mais estável da escala global para a mais fluída desigualdade da escala urbana” (Smith, 1988, p. 217). Esse aspecto revela a necessidade dos estudos das pequenas cidades, especialmente para elucidar suas condições dentro do modo de produção capitalista.

Por outro lado, ainda persiste um discurso por parte da sociedade que propaga as pequenas cidades com menos de 10.000 habitantes como “bucólica e aprazível, sem problemas internos e, portanto [...] falta-lhe um olhar mais acurado sobre suas mazelas internas” (Bacelar, 2008, p. 25).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Tal situação enfatizada pela afirmação de Bacelar (2008) pode ser repensada diante do que os autores Sposito e Silva (2013) destacaram, tornando-se necessário repensar o olhar com relação às pequenas cidades, pois estas apresentam uma realidade desmistificadora da contradição do capitalismo.

Contudo, Gomes, Silva e Silva (2005) evidenciam que os pequenos centros urbanos apresentam baixo desenvolvimento tecnológico, pontuando-se como áreas de consumo massificadas, porém é evidente a necessidade de ressaltar o processo da desigual distribuição social e territorial das inovações tecnológicas.

Enquanto alguns autores denotam que esses espaços têm ligação com a demanda agrícola e têm dificuldade de delinear o limiar entre campo e cidade, Alves e Silva (2015) definem que, por se restringir à escala local, a pequena cidade apresenta potencialidades para implementação de ações de planejamento. Isso ocorre por possuir perímetro urbano menos extenso e menor dimensão populacional, o que facilita "a construção de espaços capazes de assegurar melhores condições de vida, especialmente em condições em que existam recursos financeiros e um quadro de funcionários experientes e eficientes", além de que esses núcleos dessa magnitude permitem "avaliar com melhor clareza como se expressam as principais demandas da população" (Silva; Sposito, 2009, p. 205).

Todavia, o geógrafo Milton Santos (1982) empregou a expressão cidade local para representar essas realidades ao invés de pequenas cidades. De modo que, a cidade local representa "o centro funcional, mas não dinâmico da região circundante [...]", denominação atribuída à concepção de volume presente em sua descrição.

Para Milton Santos (1982), cidade pequena ou cidade local é definida da seguinte forma:

> A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da *atividade* primária para servir às necessidades inadiáveis da *população*, com verdadeira especialização do espaço. [...] Portanto [...] poderíamos então definir a cidade local como uma aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações (Santos, 1982, p. 71, grifos do autor).

Assim sendo, percebe-se a clara interligação entre esses centros urbanos com as dinâmicas econômicas relacionadas ao setor do agronegócio, visto que o setor de comércio e serviços se estrutura com base no atendimento às necessidades desse setor e de sua população urbana, não comportando serviços especializados, portanto quando há demanda, essa população se direciona para centros maiores. Essa imagem pode ser expressa pelas pontuações de Santos (1993), quando afirma que as pequenas cidades:

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> [...] Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. As cidades dos notáveis, onde as personalidades notáveis eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, a telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (o que antes vivia na capital), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados (Santos, 1993, p. 51).

Compreende-se, a partir da afirmação, que o cenário interno das pequenas cidades vem passando por alterações frente às novas dinâmicas socioeconômicas. Em um cenário econômico menos modernizado, as relações eram mais próximas entre seus indivíduos e algumas pessoas que personificavam o coletivo. Em um contexto produtivo mais recente, as relações interpessoais ganham conotações mais objetivas e econômicas, voltadas, sobretudo, ao interesse do agronegócio.

Com a mudança da cidade dos notáveis para a cidade econômica, Sposito e Silva (2013) retratam dois cenários na realidade brasileira que afetam as pequenas cidades. O primeiro refere-se ao fato de esses aglomerados urbanos próximos a grandes centros, mesmo com boa localização, terem o crescimento estagnado pela perda econômica para o centro maior, enquanto o segundo se coloca como parte acessória do núcleo polarizante, inclusive ampliando seu crescimento demográfico e incremento na dinâmica econômica por causa dos fluxos de pessoas e dinheiro no meio urbano.

Como conceito, Sposito e Silva (2013, p. 40) compreendem cidades pequenas como “[...] núcleos urbanos que representam uma extensão menor se comparada a centros de outro porte e atendem ao pressuposto da realização da vida, da produção do espaço e da reprodução capitalista, na divisão territorial do trabalho em escala internacional”.

Já para Raquel Rolnik (2004), o que permite que as pequenas aglomerações também se definam como cidades é o limiar entre campo e cidade, o qual se apoia na produção de excedente, que permite a existência da cidade devido seus moradores se definirem como consumidores e não produtores agrícolas, cuja consequência é o impulsionamento da produção agrícola pelo aglomerado urbano.

Sposito e Silva (2013) e Rolnik (2004), em suas discussões, destacam que as pequenas cidades se compõem de núcleos menores do que os outros centros urbanos. Suas funções destinam-se ao atendimento primário das necessidades da população, tendo também na interdependência com o setor agrícola a base da articulação entre campo e cidade.

Dessa maneira, Viana (2017, p.46) complementa a afirmação de Rolnik (2004) ao discutir que o processo inicial de delineamento entre campo e cidade é pronunciado e “concomitantemente a interdependência entre ambos é reforçada em função do desenvolvimento de suas atividades e particularidades”.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Contudo, Sposito e Silva (2013) ressaltam a necessidade de cuidado na compreensão da relação campo-cidade nas pequenas aglomerações urbanas, visto que esse fenômeno não é exclusivo de cidades pequenas. Dessa maneira:

> O importante é destacar que a ruralidade não é somente encontrada em cidades pequenas, mas também em outros centros, para que não se venha a cometer um reducionismo epistemológico e se perca de vista a dimensão de totalidade. Com isso, evidencia-se que a presença de ruralidade em cidades pequenas não é uma regra e que pode estar ainda presente nos grandes centros como expressão da condição de vida e/ou mesmo de especulação imobiliária (Sposito; Silva, 2013, p. 45).

Isso posto, os autores salientam que a ruralidade e interdependência do setor agrícola não é uma realidade única das cidades pequenas, pois outros centros maiores também dependem desse setor para movimentação da economia urbana (Sposito; Silva, 2013).

Por outro lado, Sposito e Silva (2013, p. 45) ressaltam que algumas dessas realidades urbanas se fortalecem a partir da dinâmica urbano-industrial “em função da instalação de grandes estabelecimentos industriais e que possuem outras particularidades animadas pela ampla divisão territorial do trabalho […]”.

Nesse sentido, outra compreensão de pequenas cidades apresentada por Corrêa (2011) condiz com as discussões propostas por Sposito e Silva (2013), pois essas cidades são entendidas como:

> […] um núcleo de povoamento no qual certa parte da população está engajada em atividades ligadas à transformação e circulação de mercadorias e prestação de serviços. A parte da população engajada em atividades agrárias é maior ou menor e isto pode levar a se pensar em um “*continuum*” rural-urbano, sem um rígido limite entre núcleos urbanos e núcleos rurais, nestes casos podendo-se falar em *habitat* rural concentrado (Corrêa, 2011, p. 6).

Outra característica destacada por Sposito e Silva (2013) sobre as pequenas cidades é o fato de assumirem feições particulares no arranjo da rede urbana. Elas se destacam como centros religiosos e turísticos, cidades do campo, de serra ou de portos marítimos, além de atuarem como locais centrais na produção industrial, entre outras.

No que se refere às cidades pequenas presentes no entorno de grandes centros, Endlich (2006) aponta que essas aglomerações conservam ou aumentam seus volumes demográficos, mas perdem autonomia se tornando extensões das cidades grandes. Além de se estabelecerem como locais de moradia dos trabalhadores ligados à agricultura moderna e à agroindústria, e também daqueles cujos postos de trabalho se localizam em cidades maiores. Logo, a multiplicidade e diversidade de condições dessas cidades demonstram que a compreensão delas

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

no campo da rede urbana deve-se pautar em vários elementos, revelando sua complexidade, fator que reafirma os papéis das pequenas cidades.

Contudo, as discussões de Sposito e Silva (2013) evidenciam que as cidades pequenas têm adquirido um papel econômico importante nos territórios, por conterem indústrias variadas e empreendimentos de maior porte, “dinamizando as relações sociais e econômicas que produzem o território e a dominação espacial” (Sposito; Silva, 2013, p. 58).

Tal processo de industrialização e desenvolvimento socioeconômico é explicitado por Endlich (2006, p. 34) por meio do processo de reestruturação promovido pelo capitalismo, que busca a desconcentração espacial das atividades. Esse procedimento permite impulsionar e viabilizar a implantação de atividades industriais e de serviços em pequenas cidades, gerando novas possibilidades econômicas. Destacando esse aspecto não “[…] por essa possibilidade e mais porque traz ao debate questões relativas à descentralização e, portanto, relacionadas às áreas designadas como não-metropolitanas”.

Figueiredo (2008, p. 41) complementa as ponderações de Endlich (2006) ao afirmar que “[...] se a economia se torna dinâmica, traz como consequência o crescimento demográfico da cidade, que é resultado da implantação de novas formas de produção, de consumo ou de distribuição”. Dessa forma, Sposito e Silva (2013) salientam que aquelas cidades pequenas que se dinamizaram, garantem para si uma relativa influência econômica e centralidade na rede urbana. Sendo que “esses núcleos se situam no limiar superior, com alcance espacial mais forte, se comparados a centros da mesma categoria” (Sposito; Silva, 2013, p. 59).

Mesmo considerando as discussões apresentadas pelos autores supramencionados referentes às pequenas cidades, nesta pesquisa trabalhamos com a definição oficial estabelecida pelas Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2008). Ela define pequenas cidades como aquelas cuja esfera de influência não extrapola os seus limites territoriais, com funções direcionadas ao atendimento das necessidades de seus habitantes e com populações inferiores a 10.000 habitantes.

Diante das pontuações propostas pelos autores, evidencia-se a complexidade do conceito de pequenas cidades ao englobar um amplo escopo de cidades com realidades distintas. Isso torna o critério numérico incompleto, pois oculta as diversas condições presentes nas pequenas cidades brasileiras: enquanto alguns municípios enfrentam perda populacional, outros passam por transformações econômicas e sociais que lhes permitem assumir papéis essenciais em suas redes urbanas.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de pequenas cidades tem gerado um expressivo debate entre os pesquisadores, particularmente por abarcar em seu escopo cidades com características muito específicas que apresentam um conjunto de diversas realidades para o cenário brasileiro.

Contudo, é inegável que uma parcela considerável da população brasileira vive e trabalha em cidades pequenas com menos de 20.000 habitantes, como estabelecido pelo IBGE (2008). No entanto, essas cidades oferecem condições de vida muito distintas a seus habitantes, algumas contam com uma ampla gama de empreendimentos econômicos, outras dependem fortemente do setor agrícola e boa parte sofre com a perda populacional. Sendo assim, esse cenário torna-se o principal responsável pela dificuldade da construção de uma definição específica que consiga atender a essas (multi)realidades presentes no cenário urbano brasileiro.

Nesse sentido, compreendemos que os estudos de pequenas cidades devem se pautar na compreensão de suas características, particularidades e sua inserção na rede urbana para detectar o funcionamento e atuação da lógica produtiva nesse espaço.

Dessa forma, conclui-se que os estudos de pequenas cidades são essenciais para a compreensão de uma realidade urbana pouco valorizada no meio acadêmico, decorrente de uma visão distorcida sobre a dinâmica dessas aglomerações, que ignoram suas particularidades e singularidades.

AGRADECIMENTOS

A Fundação Araucária pelo apoio ao projeto.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lidiane Aparecida; SILVA, Adriano Reis de Paula e. Desafios e potencialidades das pequenas cidades no contexto de uma sociedade urbana: alguns apontamentos com base na realidade de Frutal-MG e São Gotardo-MG. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 35, p. 7-37, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/38065>. Acesso em: dez. 2025.

BACELAR, Winston Kleiber. A. **A pequena cidade nas teias da aldeia global**: as relações e especificidades sócio-políticas nas pequenas cidades de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG. 411f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15908>. Acesso em: ago. 2026.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, n. 30, p. 5-12, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74228>. Acesso em: dez. 2025.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

CORRÊA, Roberto Lobato. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 43-52, 1999. Disponível em: <http://www.laget.eco.br/pdf/06_5_correa.pdf>. Acesso em: dez. 2025.

COSTA, Nayla Daniella; MELO, Adilson da Silva; PIMENTA, Márcio Lopes. Turismo e Trabalho em Pequenas Cidades. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 9, n. 2, p. 227-241, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4735/473557628006/html/>. Acesso em: ago. 2026.

DAMIANI, Amélia Luisa. Cidades médias e pequenas no processo de globalização: apontamentos bibliográficos. In: LEMOS, Amália Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; Silveira, María Laura (Orgs.). **América latina**: cidade, campo e turismo. San Pablo: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. San Pablo, 2006. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/08damiani.pdf>. Acesso em: dez. 2025.

ENDLICH, Ângela Maria. Cidade pequena. In: SPOSITO, E. S. (Org.). **Glossário de geografia humana e econômica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 49-56.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná.** 506f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2006.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. São Paulo: Editora UNESP. 2009.

ENDLICH, Ângela Maria. O papel das pequenas cidades na rede urbana do noroeste do Paraná. In: BOVO, Marcos Clair; TÖWS, Ricardo Luiz; COSTA, Fábio Rodrigues da. (Orgs.). **Estudos urbanos em perspectivas:** reflexões, escalas e desafios. Campo Mourão: Editora da Fecilcam, 2013.

FIGUEIREDO, Vilma Dominga Monfardini. **Pequenos municípios e pequenas cidades do Estado do Rio Grande do Sul:** contrastes, perfil do desenvolvimento e de qualidade de vida, 1980-2000. 267f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2008.

FRESCA, Tânia Maria. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino de Geografia. **Geografia (Londrina)**, v. 10, n. 1, p. 27-34, 2001. Disponível em:< http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10212>. Acesso em: nov. 2020.

FRESCA, Tânia Maria. O papel das pequenas cidades na rede urbana paranaense. In: BOVO, Marcos Clair; TÖWS, Ricardo Luiz; COSTA, Fábio Rodrigues da (Orgs.) **Estudos urbanos em perspectivas:** reflexões, escalas e desafios. Campo Mourão: Editora da Fecilcam. 2013.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Anieres Barbosa da; SILVA, Valdenildo Pedro da. Gestão social das políticas públicas nas pequenas cidades. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 9, n. 194, 2005. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/950>. Acesso em: ago. 2026.

IBGE. **Regiões de Influência de Cidades** – **2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

LOPES, João Marcos de Almeida; LENZI, Cecília Corrêa. Terra, Poeira, Isolamento e Solidão: pode a não-cidade ensinar algo para a Arquitetura e o Urbanismo? **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, v. 21, 2023 – Edição Temática "Habitat Rural". Disponível em: <https://revistas.usp.br/risco/article/view/215789/201696>. Acesso em: ago. 2026.

MAIA, Doralice Satyro. Pequenas cidades: como defini-las? In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA – SIMPURB, 9, 2005, Manaus. **Anais...** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005. p.1-20.

MOURA, Rosa. Qual o papel dos pequenos municípios na escala local do desenvolvimento? In: ENDLICH, Ângela Maria; ROCHA, Márcio Mendes. (Orgs). **Pequenas cidades e desenvolvimento local.** Maringá: UEM. 2009.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense. 2004.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec. 1993.

SANTOS, Milton. **Espaços e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes. 1982.

SILVA, Paulo Fernando Jurado da; SPOSITO, Eliseu Savério. Discussão geográfica sobre cidades pequenas. **Geografia,** Rio Claro, 2009, v. 34, n. 2, p. 203-217, mai./ago. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/3170>. Acesso em: out. 2020.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual:** natureza, capital e produção do espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1988.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nagela Aparecida. Revisando o tema de cidade pequena: uma busca de caminhos metodológicos. In: MARAFON, Glaucio José; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar. (Orgs.). **Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais:** reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano. 1. ed. Uberlândia: Assis Editora, 2008.

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado da. **Cidades Pequenas:** perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiaí: Paco Editorial, 2013, 148 p.

VIANA, Gessilda da Silva. **Pequenas cidades no contexto metropolitano**: o caso da região metropolitana de Maringá, Paraná. 2017. 351f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal. 2017.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.